



SILVIA DA BANCADA FEMINISTA – 47º GV

PROJETO DE LEI Nº ____/2025

Altera o nome da Rua Peixoto Gomide, localizada Bela Vista e Jardim Paulista, para Rua Sophia Gomide.

Art. 1º A denominação da Rua Peixoto Gomide, CODLOG 16.028-8, situada nos setores 014 e 010, nos Distritos Pinheiros, de Jardim Paulista, Bela Vista e Consolação, Subprefeituras de Pinheiros e Sé, passa a ser Rua Sophia Gomide.

Art. 2º As despesas decorrentes da execução desta lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 29 de abril de 2025.

SILVIA DA BANCADA FEMINISTA

Vereadora



SILVIA DA BANCADA FEMINISTA – 47º GV

JUSTIFICATIVA

O presente projeto de lei tem como finalidade promover reparação histórica e conceder a devida dignidade à memória de Sophia Gomide, mulher que foi brutalmente assassinada pelo próprio pai, Francisco de Assis Peixoto Gomide Júnior.

O artigo “Vias sujas de sangue: A lei não impede que ruas sejam nomeadas em memória de criminosos que violentaram mulheres” da pesquisadora Maíra Rosin levanta uma crítica quando falamos de denominação de ruas na cidade:

*“(...) dificilmente são questionadas as ruas que levam nomes de políticos, militares, escritores e tantos outros **que mataram filhas, esposas, amantes e outras mulheres** que faziam parte de seus círculos — **os feminicidas**”.*¹

A pesquisadora traz à luz algumas ruas que levam essas homenagens a feminicidas - mesmo que na época o crime não fosse tipificado dessa forma, uma delas é referente a Rua Peixoto Gomide, que fica no centro do coração paulistano.

Aqui damos palavra à pesquisadora em seu artigo:

*“No dia 20 de janeiro de 1906, o então presidente do Senado do estado de São Paulo deixou a mesa onde almoçava e se encaminhou para a sala de estar de sua residência. Ali encontrou sua filha, Sophia, bordando em uma poltrona. **Aproximou-se dela, encostou um revólver em sua testa e disparou-lhe um tiro. Sophia morreu na hora.** Em seguida, ele se encaminhou para a sala adjacente, sentou-se ao piano e atirou contra o próprio ouvido. A família, em agonia, assistiu a toda a cena. Ele chegou a ser socorrido, mas acabou morrendo.*

A população, comovida, aglomerou-se à porta. Os velórios aconteceram na cena do crime e o sepultamento foi realizado com honras. Sophia, que se casaria na semana seguinte, foi velada em

¹<https://quatrocincoum.com.br/artigos/as-cidades-e-as-coisas/vias-sujas-de-sangue/>



SILVIA DA BANCADA FEMINISTA – 47º GV

*seu vestido de noiva. Os jornais atribuíram o crime a “uma alucinação, cujos sintomas já dias antes haviam manifestado brandamente”. **Sophia era filha de Peixoto Gomide, que em 1914 foi homenageado pela Câmara Municipal, que batizou com seu nome uma das ruas mais conhecidas da cidade, perpendicular à avenida Paulista. A morte de Sophia nunca foi mencionada nas honras oficiais”.***

A história do assassinato foi descrita no Jornal Estadão², em 1906, narrando com certo detalhamento como o filho Mário soube do suicídio do pai. A notícia no jornal, até então, ao descrever a cena, faz apenas uma breve menção ao fato de que, antes de cometer suicídio, Peixoto Gomide havia matado uma de suas filhas e apenas ao falar dos filhos cita que “Sophia, a morta, tinha vinte e dois ou vinte e três anos”.

Mais adiante, o jornal conta que em um dia comum a família estava reunida na sala de almoço enquanto Sophia se ocupava com um bordado na sala ao lado. O pai então caminhou lentamente na direção dela, apontando seu revólver em direção à sua cabeça. Sophia então perguntou “o que é isso, meu pai?”, o pai apenas respondeu “não é nada”, e disparou contra sua cabeça. O corpo de Sophia caiu no assoalho, que não demorou para ficar banhado em sangue.

A família toda correu ao ouvir o tiro, mas Peixoto Gomide seguia com a arma em riste, apontando-a em direção da outra filha, Gnesa, só parando quando a criada da casa se movimentou na intenção de proteger a moça. Ele então recuou e se dirigiu à sala de visitas, onde apontou a arma para seu ouvido e atirou. A arma falhou, mas Peixoto Gomide girou novamente o tambor e atirou novamente, tombando morto diante da família, que assistiu à cena sem entender o que se passava.

O que é sabido é que Sophia se casaria. O jornal aponta, porém, que cerca de dois meses antes da tragédia, Peixoto Gomide havia se dado conta de que ficaria longe da filha após o casamento, o que provocou nele uma grande dor no coração. Cinco dias antes do crime, Peixoto Gomide procurou novamente Franco da Rocha (seu psiquiatra), a quem disse que a filha não se casaria, que preferia vê-la morta, e então, em 20 de janeiro de 1906, deu-se a tragédia.

² [O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE DE DE null - PAG. 0](#)

**SILVIA DA BANCADA FEMINISTA – 47º GV**

Em 1914, a Câmara Municipal homenageou Peixoto Gomide, nomeando uma das travessas da Avenida Paulista com seu nome. Sophia sequer foi citada ou não houve qualquer homenagem à ela.

Com esse projeto de lei buscamos a reparação de uma história que homenageia uma figura pública que assassinou sua filha. Propomos a mudança do nome de rua para homenagear Sophia que foi silenciada e esquecida na história.

Como diz a pesquisadora em seu artigo,

“Precisamos refletir sobre — e contestar — os nomes dos espaços em que pisamos, não só para que feminicidas não sejam exaltados, mas para que cada vez mais mulheres possam receber o destaque que lhes cabe”.

Contamos com o apoio das (os) nobres vereadoras e vereadores desta Casa para prosseguirmos com esse projeto.



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

SILVIA DA BANCADA FEMINISTA – 47º GV

NOTÍCIAS DIVERSAS

Sena horrôsa

Ontem, alguns minutos apenas depois das duas horas da tarde, estavam dois dos nossos companheiros de trabalho na nossa sala de redacção, quando entrou um conhecido correitor da nossa praça e lhes disse: *«embaleto, pallido, a voz tremula, profundamente commovido: — Pois, vocês ainda não sabem?...»*

— Não, não sabemos.

— O dr. **Peixoto Gomide** suicidou-se!

— O dr. **Peixoto Gomide**?

O presidente do Senado?

— Sim, esse mesmo.

— Não é possível!

— Certo, não é possível?

O escriptorio do Mario lechou-se agora mesmo, e en vi o pobre moço saír, desvaído, doido, pela rua Quinze de Novembro acima. Foi urgentissimamente chamado de sua casa.

(Mario é o sr. Mario Gomide, filho do dr. **Peixoto Gomide** e estabelecido, á travessa do Commercio, com escriptorio de correitor.

Mas lá estavam os nossos companheiros de ouvir a terrível noticia, chega ao nosso escriptorio outro correitor: — E verdade?... perguntaram todos a uma voz.

A pessoa interpellada comprehendendo logo do que se tratava e sem demora, respondeu:

— Desgraciadamente, é verdade. Em estava no escriptorio do Mario quando pelo telephone, creio que da policia, lhe contou tudo. O dr. **Peixoto Gomide** matou primeiro a filha, com um tiro de revólver, e depois, suicidou-se e caiu á sua própria espada. Elle morreu tão instantaneamente e a tal velocidade que ainda filha, posta numa cama d'um quarto ao lado, bracos sobre o peito, trajando simples trajes casuais, com um ferimento no alto da fronte, bati na raiz dos cabellos louros já lavados e penteados por uma piodosa.

Não tentamos descrever o desespero dos irmãos da familia, que sobrevieram á catastrofe: D. Ambrosina Pinto Nunes **Gomide** a viuva e mãe inconsolavel, Mario, a quem já nos referimos, Aires, que cursa o quarto anno de medicina na faculdade da Bahia, e Guesia, outra gentil menina d. cerca de vinte annos. Sophia, a moirã, tinha vinte e dois ou vinte e tres. Ambas foram muito bem educadas na Escola Presidente de Moraes, do onde saíram com o diploma de professoras preliminares.

Mario, Mario e Guesia che-gavam desesperadamente. D. Ambrosina, de olhos secos, mas de senhadrenhada e com o semblante desfeito, dizia phrases sem nexo.

Nas janelas das casas vizinhas, principalmente na estacão telephonica, donde saíam os primeiros socorros, áquella de sermão, agglomeravam-se muitos curiosos. Amigos e conhecidos andavam as escadas, lá-se formando uma multidão á porta da rua. Mas, compareceram os delegados drs. João Baptista de Souza e Theophilus Nobrega e formou-se uma fila de guardas civis na calçada. Pouco depois, chegou o dr. chefe de policia. O povo respectivo e compungido abriu alas, em silencio...

—

— O facto deu-se da seguinte maneira:

O dr. **Peixoto Gomide**, que passara quasi toda a noite em dorar, levantou-se melancolico, abatido. Poucos minutos, se disse durante a

ção a que chegou, depois de um bello curso na nossa Academia.

E accrescentou que ji-tinha conseguido para elle promessa de uma collocação mais vantajosa. O governo do Estado tinha-se comprometido a nomear o dr. Gue-lhos juiz de direito da primeira comarca que vagasse.

O que é certo, porém, é que, depois de contratado o casamento e passada a alegria dos primeiros tempos do noivado, o dr. **Peixoto Gomide** começou a impressionar-se com a idea de que se ia separar de sua filha, pela qual sempre se revelou extremosissimo. E tal im-pressão, a principio leve-mente penosa, foi pouco a pouco crescendo e augmentando, a ponto de se converter, de lá cerca de dois me-ses para cá, numa grande dor do coração. O desgraçado pae perdeu o appetito e o somno, passava as noites em choro, fugiu de amigos e conhecidos, concentrou-se to-do no seu soffrimento. E, esquivando-se ao circulo das suas relações sociais, ao lar tambem se esquivava ao carinho da esposa e dos filhos. Passava os dias encurado no seu gabinete, só com o constante e negro pensamento da separação cada vez mais proxima...

A dois annos, com quem por esse tempo conversava, disse elle que de todo em todo não se podia conformar com a idea de que outro ho-mem, um estranho, ia ser o preferido do coração da sua filha querida.

— E, entretanto, exclamou, esta mulher, que é mãe, está contentissima! Não com-pre-

— Um dos dois amigos é casado e tem filhas. Disse-lhe o dr. **Peixoto Gomide**, pen-sou-lhe a não sobre o hom-

Imagem 01: Jornal Estadão – Relato do assassinato de Sophia Gomide